

ENTRE A LOUSA E O PRECONCEITO: A NATURALIZAÇÃO DO MACHISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

SILVEIRA, A.B B1; INSFRAN, F.F.N2

¹ Licenciando em Ciências Sociais/ Universidade Federal Fluminense/ anabrasilsilveira@id.uff.br

² Professora Associada do Departamento de Fundamentos Pedagógicos/Universidade Federal Fluminense/ fernanda_insfran@id.uff.br

Palavra-chave: Gênero; Educação; Sexismo

O propósito deste trabalho é refletir sobre gênero e educação, abordando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres devido à perpetuação do machismo nas instituições de ensino. Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa em andamento, realizada como parte de um trabalho de conclusão de curso, que tem como objetivo identificar representações machistas, misóginas e sexistas no material didático da educação básica. A partir do reconhecimento histórico educacional, com base na obra de Maria Inês Sucupira (2002), “Um olhar na história: a mulher na escola”, observa-se que, desde os primórdios, as mulheres enfrentam dificuldades relacionadas à educação, a qual lhes era restrita. Elas eram vinculadas exclusivamente a trabalhos domésticos, sujeitas a mandos e desmandos constantes. Muito lentamente, começaram a conquistar seus direitos educacionais, de forma gradativa. Inicialmente, apesar de terem obtido o direito ao estudo, não tinham acesso a todas as disciplinas oferecidas aos meninos. Portanto, torna-se evidente que, apesar de toda essa trajetória histórica, o machismo ainda se manifesta nos dias atuais, muitas vezes de forma “naturalizada”. Guacira Lopes Louro (1997), em “Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, demonstra que isso ocorre, por exemplo, por meio de livros didáticos que perpetuam a imagem da mulher como provedora do lar; na docência, quando a potencialidade intelectual feminina é desvalorizada em comparação à masculina; nas relações escolares, por meio de uma linguagem sexista que privilegia o homem como norma; e no próprio currículo escolar, que demanda adaptações nas aulas de educação física para as meninas, sob a justificativa da suposta “debilidade feminina”. Valerie Walkerdine, ao pesquisar sobre meninas e Matemática, traz um depoimento revelador: quando uma menina alcançava o nível superior de uma turma, os professores comentavam que ela era “uma trabalhadora muito, muito esforçada”, sem reconhecer seu real potencial. Já os meninos, mesmo com desempenho inferior, eram interpretados como inteligentes, mas desatentos ou inquietos, o que justificaria suas dificuldades. Louro (1997) ainda destaca que a instituição escolar não apenas reproduz, mas produz e reforça distinções entre sujeitos, separando-os e hierarquizando-os com



I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

Educação democrática,
direitos humanos e
enfrentamento às violências

24, 25 e 26 / novembro

UFF - Niterói

base em critérios de classe social, gênero, idade e religião. Nesse contexto histórico, a educação ainda sofre resistência e perseguições por parte de professores que buscam discutir questões de gênero, mesmo quando amparados por currículos democráticos. Assim, a partir das contribuições das autoras citadas, buscaremos evidenciar a naturalização do machismo no ambiente escolar. Além disso, para atingir o objetivo da pesquisa, propomos como metodologia uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) de livros didáticos e apostilas dos primeiros anos do ensino fundamental, bem como uma breve investigação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de avaliar a existência de possíveis manifestações machistas, misóginas e sexistas em seu conteúdo. O objetivo é identificar, a partir de uma perspectiva histórica ainda presente, como o desenvolvimento educacional tem impactado geracionalmente as mulheres.



observatório nacional da
violência contra educadoras/es